

**A tradução literária como *locus* para uma reflexão sobre a influência dos discursos coloniais a partir da análise de *Sleepwalking Land***  
**Literary Translation as *locus* for a reflection of the influences of colonial discourses through the analysis of *Sleepwalking Land***

Iá Niani Belo Maia\*  
Sinara de Oliveira Branco\*\*

---

**RESUMO:** O objetivo do presente artigo é discutir as estratégias utilizadas na tradução da obra *Terra Sonâmbula* para o inglês, *Sleepwalking Land*. Posto que a escrita de Mia Couto se realiza enquanto modo de ruptura de uma lógica ocidental, evidenciada no caráter contraventor de suas narrativas, observamos de que forma o tradutor lidou com algumas especificidades linguísticas presentes em *Terra Sonâmbula*. Em seguida, direcionamos a análise para a apreciação da importância cultural nos estudos da tradução, buscando compreender como os elementos locais da cultura moçambicana foram transpostos para o contexto da língua inglesa em *Sleepwalking Land*, a partir das estratégias de domesticação e estrangeirização, discutidas por Venuti (1995), e das tendências deformadoras na tradução literária, debatidas por Berman (2012). Os resultados demonstram que a estratégia de domesticação foi predominante em *Sleepwalking Land*, causando a mitigação das significâncias culturais presentes em *Terra Sonâmbula*. Quanto à estratégia de estrangeirização, as conclusões apontam para um processo de ressignificação cultural não menos coercitivo, uma vez que contribui para perpetuação de estereótipos e compromete a simetria da inter-relação cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução Literária. Estratégias de Tradução. Cultura.

---

**ABSTRACT:** This paper aims to discuss the strategies used to translate *Terra Sonâmbula* into English, *Sleepwalking Land*, while taking into account Mia Couto's writing style, which breaks a Western logic configuration as evidenced in his transgressing narratives. The goal here is to observe how the translator has dealt with some linguistic features present in *Terra Sonâmbula*, focusing on the perception of the cultural significance in Translation Studies, as a means to understand how local elements of the Mozambican culture were implemented in the overall context of the English language. Therefore, Venuti's strategies, domestication and foreignization, as well as Berman's deforming tendencies were applied. Findings have shown that the domestication strategy was prevalent in *Sleepwalking Land*, resulting on the mitigation of cultural significance present in *Terra Sonâmbula*. Findings have also pointed out to a no less coercive process of cultural redefinition through foreignization strategies, since they have contributed to the perpetuation of stereotypes and undermined the symmetry of cultural interrelation.

**KEYWORDS:** Literary Translation. Translation Strategies. Culture.

---

---

\* Doutoranda em Literatura e Interculturalidade na Universidade Estadual da Paraíba.

\*\* Professor Adjunto da Universidade Federal de Campina Grande.

## 1. Introdução

No mundo contemporâneo globalizado, a aproximação entre culturas é pungente, fenômeno facilitado pelos meios de comunicação. No cenário acadêmico, estudos recentes das ciências humanas têm dado considerável relevância a conceitos que procuram compreender as consequências do fenômeno da globalização e de como lidar com a mudança de ideias, outrora cristalizadas, concernentes à cultura, à identidade e à nacionalidade, em um movimento caracterizado como a pós-modernidade. Na pós-modernidade, quando se passa a observar o diferente e a relacionar a diferença de comportamento a processos históricos e culturais, há uma reconfiguração do pensamento moderno sobre a verdade estática e a razão absoluta.

Quando a visão eurocêntrica perpetuada pelo ideal moderno começa a sucumbir, os Estudos da Tradução revestem-se de uma perspectiva contestadora e passam a se desinteressar por questões de fidelidade e pureza, abrindo espaço para compreensão das relações dinâmicas que constituem a tradução, decorrendo-se disso a necessidade de interligá-los aos Estudos Culturais (ARROJO, 1996). Como consequência da instauração desse diálogo, é possível compreender o modo pelo qual as relações de poder e as relações linguístico-culturais se concretizam. Por meio de uma contextualização histórica e discursiva, os representantes dos novos Estudos da Tradução, como Niranjana (1992), Lefevere (2003), Venuti (1995; 1998), Berman (2012) etc. revelam a força e o poder da tradução, apresentando a relação desigual que se estabeleceu entre as línguas durante séculos.

Considerando a aproximação cultural e a redução das barreiras espaciais, é preciso pensar os discursos como parte inerente das relações entre os povos. No âmbito da tradução literária, a importância da cultura se assemelha à importância da globalização, compreendida aqui no interior das metáforas produzidas nas reflexões e imaginações que a refratam<sup>1</sup> (IANNI, 2010). Dessa forma, um estudo sobre tradução, que considere os fatores culturais e que compreenda a tradução como processo de intervenção cultural, reúne uma série de considerações que permitem uma reflexão sobre a situação global.

O presente artigo resulta da pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande, cuja análise contou com

---

<sup>1</sup>“Essas metáforas dizem respeito às distintas possibilidades de prosseguimento de conquistas e dilemas da modernidade. Contemplam as controvérsias sobre modernidade e pós-modernidade, revelando como é principalmente a partir dos horizontes da modernidade que se pode imaginar as possibilidades e os impasses da pós-modernidade no novo mapa do mundo” (IANNI, 2010, p. 16).

a seleção de 50 termos no contexto da obra fonte. Sugerimos aqui, a partir das constatações realizadas na pesquisa desenvolvida na UFCG, um recorte para promover um debate sobre as forças que controlam a relação do ato tradutório com as instituições que atuam ideologicamente no mercado editorial da cultura alvo. Dessa forma, buscamos entender por que é relevante, para esse mercado editorial, manter ou apagar as particularidades da cultura local encontradas no texto fonte.

Utilizamos para análise a obra *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, e sua tradução para o inglês, *Sleepwalking Land*, realizada por David Brookshaw, justificando a escolha pelas questões identitárias, manifestadas metaforicamente na constituição dos personagens e na construção do enredo. A obra é, por essência, um desafio a qualquer tradutor, ora pela complexidade narrativa (com as criações linguísticas carregadas de significado), ora pelo enredamento cultural particular de Moçambique, onde os processos históricos se despontam.

## 2. A incorporação das relações culturais no debate sobre a tradução literária

Segundo Mendonça (2013, p. 71), nos meios acadêmicos moçambicanos, *Terra Sonâmbula* foi alvo de críticas negativas, e as razões para tal são as mesmas pelas quais a obra foi aceita no exterior, onde opiniões se baseiam principalmente em traduções. Conforme a autora, fora de Moçambique, a obra ganha destaque por três principais razões: porque a realidade textual se assemelha à realidade extratextual; por se apropriar da realidade cultural moçambicana; e por valorizar o exotismo linguístico. Por sua vez, as críticas dos moçambicanos sobre a obra incidem justamente na negação de todas essas percepções, pois o interesse do estrangeiro parece recair na insistência de noções estereotipadas e generalizadas sobre a África, tais como o quadro da guerra (realidade extratextual) e as informações antropológicas (culturais).

O conteúdo auto afirmativo de *Terra Sonâmbula* é característica comum à literatura africana na época da descolonização<sup>2</sup>. Em Mia Couto, a busca pela literatura essencialmente africana concretiza-se, principalmente, na linguagem, uma vez que a construção textual de *Terra Sonâmbula* remete continuamente ao contexto cultural moçambicano. As expressões

---

<sup>2</sup> Segundo Reis (2011, p. 80), esse processo se assemelha ao processo de negação e recusa do modelo europeu pelo qual passou a América moderna. Ao africano, coube se desenraizar para buscar as suas ‘verdadeiras’ raízes, e “é como desterrados ou (des)locados que os africanos vão reinventar sua identidade num discurso que traz as marcas do seu entrelugar cultural”.

cristalizadas, intencionalmente desconstruídas, tornam o caráter inventivo de Mia Couto uma de suas principais marcas. Assim, o próprio autor afirma que suas criações só poderiam ser feitas por um moçambicano, “por alguém que está naquele mundo” (COUTO, 1998, p. 1029). É nesse ‘estar entre’ que se constitui o romance, que almeja o resgate e a reconstrução da nação moçambicana pós-independência e, ao mesmo tempo, transcende as questões políticas e sociais para trazer em seu contexto uma simbologia do espaço humano, dos conflitos existenciais.

Frente às particularidades de *Terra Sonâmbula*, torna-se relevante pensar como David Brookshaw<sup>3</sup> lida, em *Sleepwalking Land*, com as particularidades culturais e linguísticas presentes no texto original. *Sleepwalking Land* foi publicada em 2006, pela editora britânica, *Serpent’s Tails*, catorze anos depois da primeira edição de *Terra Sonâmbula* (1992). O livro traduzido recebeu boas críticas de meios de comunicação reconhecidos no contexto britânico, sendo considerado um dos melhores livros africanos publicados no século XX pela revista *The Good Book Guide*<sup>4</sup>. Recentemente, Mia Couto foi laureado com o Neustadt, prêmio internacional de literatura, conhecido como o “Nobel Americano”. Esse prêmio é concedido pela instituição estadunidense, Universidade de Oklahoma, que considerou *Sleepwalking Land* como a obra mais representativa para a conquista.

Ao pensar em analisar *Sleepwalking Land*, a primeira intenção foi perceber como se consolidou a vinculação de elementos culturais aparentemente díspares, mas considerando que a tradução é capaz de abrir espaço para a apreensão do entrecruzamento cultural e para a discussão sobre as diferenças culturais. Outro desafio para a análise residiu na observação das (im)possibilidades tradutórias.

Lages (2007, p.66) refere-se à tradução como uma forma de renúncia, trazendo a incompletude como “própria condição da linguagem e do traduzir”. Tal definição reconhece a tradução como um processo que envolve elementos diversos, o que abre espaço para uma constante atualização dos seus sentidos a cada nova análise. Dito isso, é interessante retomar

---

<sup>3</sup>David Brookshaw é natural de Londres e possui doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de Londres. Atualmente, é professor de Estudos Brasileiros, Estudos Portugueses e Literatura Africana em Português, no Departamento de Estudos Hispânicos, Portugueses e Latino-Americanos, da Universidade de Bristol, na Inglaterra. As traduções de Mia Couto feitas por David Brookshaw datam de 1990, com *Voices anotecidas/Voices Made Night* e *Cada homem é uma raça/Every man is a race* (1994), pela editora Heinemann. A partir de 2001, a publicação passa a ser da editora Serpent’sTail, com *A varanda do Frangipani/Under the Frangipani*, em 2001, e a última publicação até então, em março de 2013, de *O afinador de Silêncios/A tuner of silences*.

<sup>4</sup>Cf. Couto (2006). “*Defly translated from the Portuguese by David Brookshaw, Sleepwalking Land was praised as one of the best African books of the twentieth century: it is clear indictment of war and sure gasp of a pivotal period of history offer the reader a riveting portrait of a land struggling towards a new future*”

aqui a reflexão de Walter Benjamin, que, em 1923, na elaboração do prefácio da tradução da obra de Charles Baudelaire, já deslocara o *status* de cópia atribuído à tradução ao mencionar a tarefa do tradutor literário. Nesse prefácio, o filósofo alemão define tradução e texto “original” como elementos dessa eterna incompletude, porque a língua, em sua pluralidade, torna a originalidade estática uma condição impossível. Para Benjamin (2004), a intrínseca transitividade das palavras é o que dá vitalidade ao texto, sendo a tradução o ato que promove os valores desse texto e que, ao mesmo tempo, altera a sua originalidade. Nesse sentido, uma vez materializada em desvios e alcances, *Sleepwalking Land* se configura como um rico exemplo para se refletir sobre o propósito da tradução literária, que, segundo Benjamin (2004), está em alcançar uma relação recíproca entre as línguas.

Para analisar as obras, delimitamos as categorias, de modo que os textos, original e tradução, fossem observados paralelamente. Com base nas estratégias tradutórias estabelecidas por Venuti (1995) – a estratégia de estrangeirização e a estratégia de domesticação – e nas tendências deformadoras discutidas por Berman (2012) – o empobrecimento qualitativo, a homogeneização, o apagamento das superposições de línguas e a exotização ou destruição das redes de linguagens vernaculares –, criamos duas categorias de análise, para realizar, de forma objetiva, a descrição dos processos tradutórios e, por consequência, a análise de cada caso.

### **3. Construindo um modelo de investigação a partir da analítica e das estratégias de tradução**

A análise de tradução que prioriza a observação da prática, a partir do contato direto com o objeto a ser estudado, gera uma reflexão que se sistematiza pelo envolvimento de uma série de questões (BERMAN, 2012). A premissa básica da reflexão aqui realizada está na avaliação de itens lexicais presentes em uma obra literária que, na cultura da língua fonte, apresentam valor simbólico pelo seu teor expressivo e por sua significância cultural, enquanto a tradução para a língua alvo é conduzida pela determinação de normas e interesses específicos, que se materializam nas recriações das significâncias desses itens para a cultura alvo.

As práticas do mercado – configuradas no interior de um determinado contexto econômico, político e social – subordinam a força expressiva da produção artística (CANCLINI, 2000), e a tradução literária, atividade condicionada por tal produção, acaba por se subordinar às normas e convenções sociais da cultura receptora, as quais regem as escolhas estéticas do tradutor e influenciam suas decisões (GENTZLER, 2009).

Conduzida pela determinação das estratégias de tradução abordadas por Venuti (1995) aliadas a processos de deformação elaborados por Berman (2012), a observação das decisões do tradutor recai na importância de se pensar sobre as formas de representação cultural resultantes do processo tradutório e sobre a situação de invisibilidade do tradutor na cultura anglo-americana, abrangendo as suas implicações para os Estudos de Tradução. Por essa razão, a perspectiva adotada aqui compreende a tradução como uma reescrita do texto fonte, porque abrange a problemática da ideologia e das relações de poder, estritamente vinculadas ao processo de tradução literária (LEFEVERE, 2003).

Para estabelecer a classificação que categoriza os dados levantados em suas especificações, focamos em duas estratégias com base nas determinações estabelecidas por Venuti (1995): a estratégia de estrangeirização e a estratégia de domesticação. Essas estratégias têm seu papel definido no processo de tradução no contexto anglo-americano. Em suma, enquanto a estratégia de domesticação privilegia a fluência da língua no contexto alvo, a estratégia de estrangeirização contraria os interesses imperialistas, resistindo ao etnocentrismo. Contudo, o recorte proposto aqui nem sempre corresponde às condutas estratégicas definidas pelo autor, uma vez que a análise dos dados suscitou categorias variadas sobre o uso dessas estratégias.

Para auxiliar a análise interpretativa e torná-la mais eficaz, optamos por aliar as tendências deformadoras, assinaladas por Berman (2012), às estratégias de estrangeirização e domesticação de Venuti (1995). Das treze tendências nomeadas por Berman (2012), selecionamos as quatro que se manifestaram com maior frequência e que merecem maior atenção:

- a) homogeneização;
- b) empobrecimento qualitativo;
- c) apagamento da superposição de línguas;
- d) destruição ou exotização das redes das linguagens vernaculares.

A partir da junção das estratégias de Venuti (1995) e as tendências deformadoras de Berman (2012) foi possível enquadrar os processos tradutórios em duas diferentes categorias, representadas nas figuras abaixo:

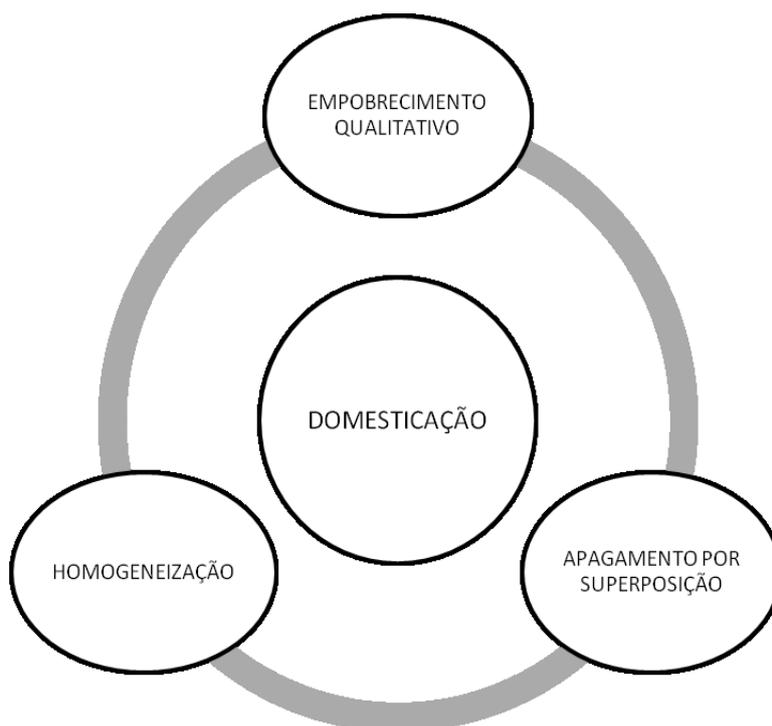


Figura 1. Domesticação.  
Fonte: Autoras.

A observação dos processos deformadores em *Sleepwalking Land* permitiu que a análise promovesse uma discussão sobre as estratégias de domesticação e de estrangeirização de maneira consistente. Como ilustramos na figura acima, a estratégia de domesticação foi observada sob três diferentes condições: a partir dos processos de deformação por empobrecimento qualitativo, por homogeneização e pela superposição de línguas vernaculares.

De maneira similar, foi fundamental que as discussões sobre as estratégias de estrangeirização fossem observadas a partir de sua vinculação ao processo deformador de exotização das redes de linguagens vernaculares:

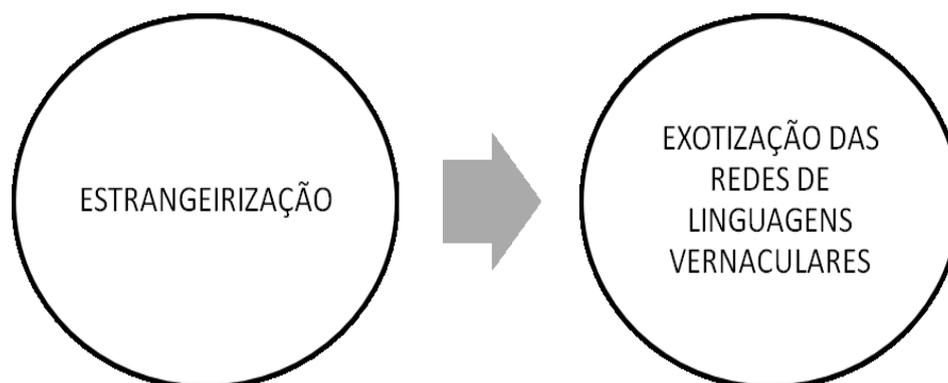


Figura 2. Estrangeirização.  
Fonte: Autoras.

A lógica da estratégia estrangeirizadora implica a conservação do termo estrangeiro sem a permuta das línguas. A necessidade de separar as estratégias se justifica pela ocorrência de ambos os processos em *Sleepwalking Land* e pela distinção analítica que emerge das escolhas tradutórias.

Mediante a delimitação das categorias foi possível compreender a maneira como os elementos locais da cultura moçambicana ressurgiram no contexto global da língua inglesa a partir de *Sleepwalking Land*, fornecendo a base para uma reflexão mais profunda sobre o processo tradutório e suas complexas transferências culturais. A construção imagética de Moçambique no interior do espaço linguístico insinuador da resistência colonial, realizada por Mia Couto como seu *locus* enunciativo<sup>5</sup>, torna-se o pano de fundo para essa reflexão.

#### 4. A coerção da heterogeneidade e o comprometimento da iconicidade da palavra na estratégia de domesticação

No processo de tradução, a língua é heterogênea porque é pensada no interior de suas mudanças históricas, sociais e culturais (VENUTI, 1998). É nesse sentido que esta discussão situa a ‘homogeneização’ em contraposição à heterogeneidade, uma vez que a heterogeneidade sugere o caráter social da língua, em que o discurso se realiza nas relações entre o sujeito e o seu coletivo.

As escolhas tradutórias que se enquadram na estratégia de domesticação desembocam no que é debatido por Venuti (1998) quanto às possíveis consequências na formação de

<sup>5</sup> Para o escritor nigeriano, Wole Soyinka, a verdadeira representação da Literatura Africana consiste na forma expressiva de um *locus* enunciativo que não reforce estereótipos e se distancie do caráter exótico do africano para dar espaço a uma africanidade legítima. Cf. Reis (2011).

identidades culturais, causando a reflexão sobre as formas de dominação ocidental no mundo não europeu. Desse modo, no contexto anglo-americano, a estratégia de domesticação no processo de tradução se configura como um reflexo da expansão colonialista inglesa, cujo papel imperial foi exercido na medida em que não consentiu a manifestação da heterogeneidade linguística por parte de suas colônias (NIRANJANA, 1992).

Entendemos que a fluência na cultura receptora, que aqui se estende à força hegemônica da língua inglesa – ou seja, à força da cultura anglo-americana –, decorre da supremacia da língua inglesa e sua expansão pelo mundo, fato que está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento econômico lançado pelos ingleses e perpetuado pelos Estados Unidos. Partindo do princípio de que a língua do colonizador conteve a língua do colonizado sob o pretexto de unificação cultural, em que as marcas culturais particulares eram eliminadas em prol da universalização do padrão ocidental, percebemos, através dos exemplos que serão aqui discutidos, uma tendência também universalizante no processo de tradução, que globaliza, e, por vezes, generaliza elementos do local, do particular.

Esmiuçando as diversas possibilidades de compreensão da palavra traduzida, supomos que, ao aplicar a estratégia de domesticação, o tradutor homogeneiza o discurso, com soluções que não superam as diferenças culturais e que não contribuem para resolver as disparidades entre as significâncias culturais. Além disso, partimos do entendimento que essa estratégia inibe o lugar do tradutor e reitera a concepção do senso comum de que a tradução é a cópia fiel de sua obra fonte.

Desse modo, não encaramos as estratégias de Brookshaw como escolhas subjetivas, mas como resultados de uma conjuntura ideológica que sistematiza e regula essas escolhas, a começar pela seleção da obra a ser traduzida, processo que parte inicialmente da cultura alvo (TOURY, 1997). É nesse sentido que reconhecemos a importância da afirmação de Lefevere (2003, p.14): “as traduções não são feitas num vácuo”<sup>6</sup>, uma vez que ela se apoia na ideia de que o tradutor se encontra em uma estrutura mercadológica rígida, cujo principal valor não é a sua competência teórica e prática, mas a sua capacidade de se submeter às exigências do mercado editorial.

Os excertos selecionados para essa categoria trazem elementos importantes para uma discussão sobre a complexidade do trabalho tradutório. Através desses exemplos, a

---

<sup>6</sup> “*Translations are not made in a vacuum*” (LEFEVERE, 2003, p. 14)

transparência da língua se faz ilusória quando da percepção das relações associativas em que todo enunciado está inserido. Sigamos com os exemplos:

### Excerto 1

<p>Reina um negro silvestre, cego. Muidinga olha o escuro e estremece. É um desses negros que nem os corvos comem. Parece todas as sombras desceram à terra. O medo passeia seus chifres no peito do menino que se deita enroscado como um <b>congolote</b>. (p. 13)</p>	<p>A sylvan darkness rules, blind. Muidinga looks at the gloom and shivers. It's a darkness so deep that not even the ravens would eat it. It's as if all the shadows had descended to earth at once. Fear parades its horns in the child's breast as he lies down, curled up tied like a <b>centipede</b>. (p. 5)</p>
--	--

De origem *changana*, **congolote** (*khongoloti*)<sup>7</sup> alude, tanto literariamente quanto linguisticamente, à diversidade cultural do contexto de Moçambique. Com relação à tradução, a estratégia aplicada gera dois questionamentos: primeiramente, com respeito ao apagamento cultural do termo – afinal, na obra fonte, trata-se da presença deliberada de um termo essencialmente moçambicano no interior de uma língua europeia; em segundo lugar, pela inversão do sentido gerada pela estratégia.

A falta de um referente específico na cultura anglo-americana possivelmente direcionou o tradutor a uma associação equivocada. Observando o termo destacado no **Excerto 1**, percebemos que a construção da narrativa, no texto fonte e também no texto alvo, sugere que o menino Muidinga está desesperado. No entanto, a imagem do “enroscado como um **congolote**”, para representar o menino contorcido de medo, não é recuperada com “curled up tied like a **centipede**”, uma vez que **centípedes** (centopeia, quilópode) não se enrolam defensivamente, como fazem os **congolotes** (embuá, diplópode)<sup>8</sup>.

Compreendemos que a identidade social é transformada na tradução, e ela se estabelece através dos discursos que contornam o interior de suas representações. Seguindo a mesma lógica do primeiro excerto, no **Excerto 2**, não houve possibilidade de se estabelecer uma relação intercultural na tradução. A domesticação do termo favoreceu a homogeneização e beneficiou a fluidez na língua alvo.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/congolote>. Acesso em: dez 2014.

<sup>8</sup> Outra diferença entre essas duas espécies é que o congolote, sendo da classe dos diplópodes, é ovíparo e tem a corpo cilíndrico, enquanto os centípedes pertencem à classe dos quilópodes e são carnívoros de corpo achatado (GIRIBERT *et al*, 1999).

**Excerto 2**

<p>Às vezes, enquanto seguia pelo escuro, carregando a refeição do defunto, ouvia as hienas gargalhando. No desfrizar do medo me veio a suspeita: e se fossem as <b>quizumbas</b> a aproveitar das panelas? Ou se ele, o falecido, usasse a forma de bicho para se empançar? (p.21)</p>	<p>Sometimes, while I was walking through the darkness carrying the dead man's meal, I would hear the hyenas cackling. As my fears unfolded, I was suddenly struck by a doubt: supposing it was the <b>hyenas</b> availing themselves of the pots? Or supposing the deceased were using an animal form to fill his belly? (p. 14)</p>
---	---

A palavra **quizumba** se origina no *Macua*, língua autóctone falada em Moçambique e também na Tanzânia (KRÖGER, 2005). Notamos aqui que a identidade moçambicana e a diversidade linguística, manifestadas intencionalmente na obra fonte, perdem-se na uniformização dos termos. Segundo Nogueira (2010), a opção de Mia Couto por alternar entre o referente do português europeu e o referente autóctone é um recurso criativo que leva a certa valorização da identidade moçambicana e do seu universo pluricultural, não obstante percebemos que a estratégia de domesticação apaga essa superposição de línguas e, conseqüentemente, toda a sua significância ideológica.

A alternância do uso de termos provenientes de línguas, ou dialetos, diferentes é o que Berman (2012) chama de superposição de línguas, caso comum em obras de prosa, e seu apagamento se configura como outro processo de deformação no ato de tradução. Considerar esse apagamento como um refreamento da heterogeneidade nos leva a refletir se a manutenção dos termos autóctones em *Sleepwalking Land* irromperia a rigidez das estruturas da língua alvo e se isso daria espaço para a reconfiguração da língua inglesa, no sentido de ultrapassar os padrões da língua para dar lugar à diversidade cultural.

Desse modo, com base em ambos os exemplos de tradução apresentados até agora, **centipede** e **hyenas**, compreendemos que a tradução levanta questões éticas que podem e devem ser organizadas (VENUTI, 1998; BERMAN, 2012). Essas questões nos direcionam a contextos em que o poder da tradução se manifesta na formação de identidades. Cada país tem sua representação histórica específica e isso é refletido nos processos de formação cultural. Quando uma obra literária se propõe a manifestar esses valores através de artefatos culturais em sua materialidade discursiva, linguística e histórica, essa particularidade cultural não poderá emergir quando da estratégia de domesticação na tradução (VENUTI, 1995).

No excerto seguinte, a representação do **monhé** é situada na constituição e na formação identitária do povo moçambicano, sendo, de fato, uma palavra utilizada para se referir aos

indianos, ou pessoas de origem indiana, que habitavam e continuam habitando as terras africanas desde o séc. XIX, mas o termo possui valor depreciativo, sendo este um fator extremamente significativo para compreensão do contexto narrativo (ZAMPARONI, 1998):

### Excerto 3

<p>Minha família também não queria que eu pisasse na loja. <i>Esse gajo é um monhé.</i> Diziam como se eu não tivesse reparado. E acrescentavam: - <i>Um monhé não conhece amigo preto.</i> (p.24)</p>	<p>Nor did my family want me to step inside the shop. “The fellow’s an <b>Indian</b>,” they would say as if I hadn’t noticed. And then they would add: “An <b>Indian</b> doesn’t have black friends”. (p.17)</p>
--	--

A consulta ao verbete **Indian** no *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary* (2005) levou a duas possíveis referências em inglês: a primeira consiste na adjetivação gentílica de pessoas que provêm da Índia, ou que designa algo relativo ao lugar; a segunda remete a uma forma, não mais utilizada, de se referir pejorativamente aos nativos americanos.

A primeira definição compreende parte do valor semântico, uma vez que a ideia central não é completamente ignorada, afinal, um **monhé** pode ser um **Indian**. Contudo, apoiando-nos no pensamento de Toury (1997) sobre a necessidade de modificação de alguns itens na tradução para cultura alvo (seja por generalização ou por omissão), observamos que a opção de Brookshaw, embora aceitável<sup>9</sup>, se acomoda na ideia de um modelo pré-estabelecido, o que, para Toury (1997), faz elevar o *status* marginal da tradução.

Em contrapartida, a tradução estrangeirizadora proposta por Venuti seria uma forma de desafio aos cânones literários da língua alvo, por se configurar como uma prática que recusa o domínio e se estabelece como forma de integrar as culturas tidas como marginais. Para o autor, essa postura permitiria sinalizar as diferenças e reavaliar os cânones domésticos, pois o ato de traduzir deve intervir na obra original de modo a revelar o que está oculto, e essa revelação seria a manifestação (BERMAN, 2012).

Quando Berman (2012) discute a situação do ético, do poético e do pensante em sua analítica da tradução, a ética se expande em todos os fins da tradução. Para o autor, olhar o estrangeiro enquanto estrangeiro, em seu próprio espaço de língua, dá lugar para as relações e para a manifestação da ética. O comportamento ético aos olhos do autor consiste no

<sup>9</sup> A ideia de aceitável para Toury (op.cit) se sustenta no argumento de que a tradução no ocidente tem a tendência de normatizar os termos, trazendo soluções que o leitor ocidental possa compreender.

acolhimento do Outro como acolhimento de si mesmo, ou seja, trata-se de produzir relações dialógicas entre culturas distintas para, a partir disso, encontrar a totalidade. Essa relação dialógica consiste na preservação da forma estrangeira, uma vez que, na tradução, acolher o estrangeiro em sua “corporeidade carnal” só é possível através das letras (BERMAN, 2012, p. 98).

No próximo tópico, a partir da seleção de exemplos, abriremos uma discussão sobre os preceitos que consideram a estrangeirização como solução para o etnocentrismo. Focamos a discussão partindo do pressuposto de que as disparidades culturais não serão atenuadas quando da estrangeirização, uma vez que a propagação de estereótipos pode também se manifestar na forma estrangeira.

#### **4. A exotização de Berman e os estereótipos culturais na estratégia de estrangeirização de Venuti**

O plurilinguismo é característico da prosa e é comum que os autores de obras literárias usem elementos vernaculares variados para dar autoridade a essa multiplicidade das línguas. A prosa condensa um espaço “polilinguístico” e intensifica em uma só língua a sua totalidade (BERMAN, 2012, p.65).

A forte presença de vocábulos culturalmente significativos na obra fonte evidencia a proposta de Mia Couto em afirmar a identidade moçambicana a partir de um diálogo cultural que não abandona a autenticidade do repertório linguístico moçambicano. Na tradução para o inglês, há, de certo modo, uma tendência que faz suprimir essa significância cultural através da estratégia de domesticação, embora haja um indício da presença estrangeira e da manutenção das marcas culturais moçambicanas.

Através desses casos específicos, observaremos, na análise, até que ponto a expressividade linguística da cultura moçambicana se realiza no contexto da cultura alvo, refletindo sobre as possíveis razões da conservação dessas expressões, uma vez que a estratégia de estrangeirização não é a estratégia predominante. Compreendemos que existem dois motivos evidentes para a conservação do termo em sua forma original: primeiro, porque o próprio contexto narrativo esclarece o sentido da palavra, fornecendo ao leitor uma orientação explicativa, ainda que superficial; o segundo motivo reside na possibilidade da cultura anglo-americana querer perpetuar o imaginário ocidental sobre o povo africano, que se desponta na ideia de um exotismo exacerbado.

Sobre essa última afirmação vale discorrer acerca das relações de poder inerentes ao uso das línguas em um dado momento histórico. Pensando no poder entre línguas, a literatura de minoria possui uma forma linguística dominante que controla as menores variáveis, mas essas últimas são capazes de destoar as regras que regem a forma dominante (VENUTI, 1998, p.10). Venuti (1995) compreende que, sendo a língua inglesa uma forma dominante, qualquer tradução para o contexto anglo-americano poderia atravessar os estereótipos étnicos e resistir ao etnocentrismo, mas isso implicaria a abertura de espaço para o caráter inovador da própria língua inglesa, rompendo com alguns padrões.

A resistência do autor diante do inglês padrão e sua defesa quanto ao rompimento de algumas normas fixas são o reflexo da reconstrução do pensamento sobre a tradução, quando se contesta a pureza do sentido e se atenta à possibilidade da representação da diferença sem dar privilégio ao que se entende como essencialmente ocidental. A importância desse pensamento reside em contestar os valores culturais dentro da problemática da representação.

Observamos que a estratégia de estrangeirização em *Sleepwalking Land* é acompanhada por um processo de exotização tipográfica, o que significa estrangeirizar o termo, separando-o da forma padrão dominante que está sendo utilizada, através de um recurso gráfico. Essa exotização, segundo Berman (2012, 82), “pode caminhar para uma vulgarização”. Glissant (2005, p.135) entende a exotização como uma tendência para a “estereotipização”. Segundo o autor, “se abandonarmos um pouco o campo linguístico, saberemos que o exotismo pode ser completamente negativo, ou completamente enaltecido”, podendo provocar uma tendência à estereotipização daquilo que está à “margem” ou fora do centro.

Desse modo, os termos conservados em sua forma original em *Sleepwalking Land* (tipograficamente exotizados) parecem intencionalmente escolhidos para dar ênfase aos elementos da cultura moçambicana e, implícita nessa escolha, está a relação já estabelecida entre Moçambique – representante da África – e o olhar ocidental sobre o continente africano. Ou seja, perpetua-se o conceito que preexiste e não se abre espaço para as relações interculturais na tradução.

O **Excerto 5**, por exemplo, destaca a tradução de uma bebida típica de Moçambique, proveniente das palmeiras que deram nome a um dos personagens do livro:

#### **Excerto 5**

Sou chamado de Kindzu. É o nome que se dá as palmeritas mindinhas, essas que	My name is Kindzu. It's the same name given to these kinny little palms that bend
--	---

se curvam junto às praias. Quem não lhes conhece, arrependidas de terem crescido saudosas do rente chão? Meu pai me escolheu para esse nome, homenagem a sua única preferência: beber <b>sura</b> , o vinho das palmeiras. (p. 15)	and sway along the beach. Who doesn't know them, trees that seem to regret having grown and to miss the ground. My father chose me such a name as a tribute to his one and only predilection: drinking <b>sura</b> , palm wine. (p. 7)
--	--

A manutenção do termo **sura** em sua forma original, na obra traduzida, leva-nos a interpretar que David Brookshaw utilizou a estratégia de estrangeirização indicada por Venuti (1995) e que houve certa valorização do elemento estrangeiro. Contudo, ao observarmos as passagens em ambas as línguas percebemos uma modificação da palavra no procedimento tipográfico utilizado na tradução para o inglês.

Diferentemente do apagamento da superposição de línguas, como acontece com a estratégia de domesticação, observamos, na estratégia de estrangeirização, um processo de exotização demarcado pelo isolamento desse termo. Ou seja, apesar de haver uma estrangeirização pela manutenção do item lexical da língua fonte, há uma descaracterização do elemento linguístico/cultural quando incorporado no texto traduzido, através de uma distinção tipográfica.

Assim, o que aparentemente se apresenta como uma estratégia de resistência ao etnocentrismo domesticador, porque sugere certa saliência da expressão cultural 'do estrangeiro', parece se realizar mais como um agravante do narcisismo cultural imposto pelo modelo anglo-americano de tradução, uma vez que o autor/narrador opta por agregar o termo ao português moçambicano e a tradução, por desagregá-lo do padrão inglês. Por esse ponto de vista, a estratégia estrangeirizadora, antagônica ao etnocentrismo, como idealizada por Venuti (1995), parece aqui uma ilusão, uma opção que, na prática, transforma-se em algo quase inatingível.

Em seguida, temos:

#### Excerto 6

- <i>Esse quem era?</i> - <i>Esse é um <b>naparama</b>.</i> <b>Naparama?</b> Nunca eu tinha ouvido falar em gente dessa. Surendra me explicou vagamente. Eram guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que lutavam contra os fazedores da guerra.(p. 26)	“Who was that?” “It was a <b>naparama</b> .” <b>Naparama?</b> I had never heard of such people. Surendra gave me a vague explanation. They were traditional warriors, blessed by the witch-doctors who fought against the warmongers. (p. 20)
--	---

**Excerto 7**

<p>- <i>Só o <b>nganga</b> lhe pode ajudar. Talvez ele sabe um lugar sossegadinho.</i>          Sim eu deveria consultar o adivinho. Só ele podia saber do tal recantinho. Coisa de eu guardar meus sonhos. (p. 31)</p>	<p>“Only the <b>nganga</b> can help you. Maybe he knows somewhere quite.”          Yes, of course, I should consult the medicine man. Only he could know of some little corner, somewhere I could nurture my dreams.</p>
---	--

Sobre os **Excertos 6 e 7**, é particularmente importante fazer uma relação com a idealização do imaginário ocidental acerca da cultura africana em geral. Segundo Rios (2007), há um romantismo que nunca se acaba e a imagem do africano, na cultura ocidental, é sustentada com base nesse romantismo.

As palavras dos exemplos são duas menções a elementos do fantástico na cultura moçambicana: **naparama**<sup>10</sup> que, na definição popular, é um guerreiro sagrado inatingível por ser abençoado por um feiticeiro, e **nganga**, que faz referência a um curandeiro espiritual capaz de manipular ervas.

No contexto da globalização, a formação das identidades culturais funciona sob a forma de representação. A literatura pós-colonial, na qual se insere a obra em análise, tem por característica escritores que possuem consciência política e se determinam a trazer ao público a herança do seu povo, do seu país (SANTOS, 2012). No entanto, o processo de tradução transforma essas representações e os valores da cultura doméstica acabam se sobrepondo aos valores da cultura estrangeira.

A partir dessa conjuntura, entendemos que a conservação dos termos **naparama e nganga** decorre da intenção de enfatizar a estranheza e não de retirá-la. Tal ênfase reconhece o valor simbólico dos termos e pode conduzir o leitor anglo-americano para uma interpretação limitada da cultural alheia. É pertinente, portanto, que mencionemos as normas que determinam a forma como a tradução deve se adaptar, ou se adequar, à cultura alvo. Retomando a afirmação de Lefevere (2003) sobre a impossibilidade de uma tradução ser produzida no vácuo, percebemos os fatores extralinguísticos e extraliterários a reger esse processo, os quais se concretizam principalmente sob a força das pressões ideológicas.

<sup>10</sup> “O movimento dos Naparama era uma organização militar rigorosa e com um sigilo de seita. Como tal, só se podia ser membro depois dos ritos iniciáticos aparentemente controlados pelo próprio Manuel António. A iniciação envolvia uma vacina ‘**Barama**’ com dois níveis: infusão bebível e aplicação em incisões corporais” (LEMIA, 2001, p.52, grifo do autor).

Os imperativos econômicos advindos das instituições exercem sua influência a partir da regulamentação dos processos tradutórios e da própria publicação do produto traduzido. Lefevere (1992) denomina esse processo de patronagem, atribuindo aos editores, publicitários, partidos políticos e a outras instituições a relação entre literatura, cultura e sociedade.

Voltando aos termos selecionados para análise, entendemos que sua conservação parece ser um resultado dessa regulamentação institucional, que segue a lógica de um mercado cada vez mais interessado na diversidade cultural e em meios alternativos de compreender o mundo (PAUL, 2009). É nesse sentido que a exotização torna-se necessária à tradução, porque garante a distração do leitor para um componente estrangeiro sem deslegitimar o inglês padrão.

## 5. Considerações Finais

A (im)possibilidade da tradução literária se manifesta a partir das incongruências que a constituem. Ela é possível não apenas por uma necessidade de comunicação, mas porque a existência e a disseminação da obra original dependem quase completamente da existência de sua tradução, sendo um contrassenso assegurar sua impossibilidade por esse viés. No entanto, a condição de impossível ganha sentido quando a tradução deseja o indesejável, quando se pretende transferir sentidos estáticos e quando se entende a língua e suas relações a partir de uma visão restrita. Por fim, quando se considera a tradução literária uma cópia fiel do texto original.

Diante do reconhecimento da impossibilidade de carregar o sentido fiel da obra original, discutimos o fator cultural na tradução literária e voltamos atenção especial para a formação de identidades culturais, elaborando as reflexões sob a orientação das teorias que desafiam os limites das interpretações tradicionais. Assim, teorizar a tradução, construindo as circunstâncias para compreender sua prática, significa adentrar-se em uma rede intrincada de interpretações que pode conduzir as reflexões para caminhos diversos. Coube-nos aqui instituir direções que possibilitassem desenvolver essas reflexões de forma plausível, a partir de uma abordagem que englobasse a complexidade própria do traduzir.

Foi selecionada para análise a tradução inglesa de uma obra literária, escrita em português moçambicano, a qual se constitui de elementos culturais diversos, para debater sobre as estratégias de tradução e observar de que maneira a cultura alvo estabelece as relações com a cultura de Moçambique, partindo do princípio de que existe uma tendência, no contexto anglo-americano, para perpetuar estereótipos. Vimos que os excertos selecionados para a categoria de

domesticação corroboraram o que tem sido frequentemente debatido nos Estudos da Tradução sobre as convenções mercadológicas e o domínio do discurso transparente, levando-nos a concluir que, de fato, a cultura anglo-americana não favorece o tradutor, pois há uma determinação tácita do domínio do autor sobre a sua obra.

Sustentando a ideia de uma versão perfeitamente traduzida, as estratégias de domesticação predominantes em *Sleepwalking Land* fazem com que o texto pareça ‘naturalmente inglês’, contribuindo para a ilusão da transparência do sentido e tornando o tradutor mais invisível. A domesticação tende, portanto, a perpetuar a ideia de equivalência plena, que implica tanto a pureza da forma quanto a do conteúdo do texto.

Por conseguinte, entendemos que o mito da transparência do sentido é uma consequência das relações comerciais que enxergam a língua como um simples ‘instrumento’, pois, ao impor a estrutura da própria língua, a domesticação não permite o equilíbrio nas trocas culturais, apagando a diversidade e se conformando com as imagens predominantes na cultura ocidental.

Se, conforme Venuti (1995), o caminho de resistência ao apagamento da diversidade cultural estaria na violação dos padrões estabelecidos pela língua anglo-americana, a análise atentou-se ao perigo da exotização dos termos estrangeiros, que não só se manifesta a partir da alteração tipográfica, mas se revela na construção estereotipada do imaginário ocidental sobre as culturas africanas. Constatamos, portanto, que essa estrangeirização pode acabar por contribuir para um estranhamento negativo do Outro, que, em vez de favorecer a desconstrução dos conceitos pré-estabelecidos, reproduz uma visão constituída historicamente em que predominam as imagens e os ideais ocidentais.

A estratégia de estrangeirização, que resiste ao preconceito e suaviza o etnocentrismo, tal como debatida por Venuti (op. cit.), é idealizada para beneficiar a interculturalidade. Entretanto, observamos que a aplicação da estratégia de estrangeirização pode ser uma atitude doméstica, pelo menos quando é alternada com a estratégia de domesticação. A consequência dessa alternância é que ambas acabam por excluir substancialmente circunstâncias que não interessam à cultura receptora, ora apagando a heterogeneidade, ora estigmatizando os valores culturais alheios.

Em síntese, embora os Estudos da Tradução tenham avançado – a partir do aprofundamento das definições e da ruptura de algumas fixações teóricas –, como atividade prática, a tradução ainda se ampara nas expectativas do senso comum, que idealiza o tradutor

como a própria revelação da alma do autor. Venuti (1995) já afirmara que o público anglo-americano tende a ver a tradução como a 'identificação' do tradutor com o autor estrangeiro. Sob essa ótica, a prática da tradução poderia congregiar as discussões atuais sobre a tradução literária, mas, para isso, seria necessária uma reconfiguração das políticas que a regem: é preciso que as entidades competentes considerem que as noções de identidade, de espaço, de fronteiras e de acesso estão inter-relacionadas e devem se construir reciprocamente.

### Referências Bibliográficas

ARROJO, R. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n.1, 1996.

BERMAN, A. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**, Tradução de Marie-Helene Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Florianópolis: Copiart PGET/UFSC, 2012.

BENJAMIN, W. The task of the translator. Translated by Harry Zohn. In: VENUTI, L. (Editor). **The translation studies reader**. London: Routledge, 2004.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2000.

COUTO, M. Entrevista. In: LABAN, M. **Moçambique: encontro com escritores**. Porto, Portugal: Fundação Eng. António de Almeida, 1998.

\_\_\_\_\_. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Sleepwalking Land**, Traduzido para o inglês por David Brookshaw. London: Serpent Tales, 2006.

DICIONÁRIO da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>. Acesso em: novembro 2014.

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GENTZLER, E. **Teorias contemporâneas da tradução**. São Paulo: Madras, 2009.

GIRIBET, G. et al. Internal phylogeny of the Chilopoda (Myriapoda, Arthropoda) using complete 18S rDNA and partial 28S rDNA sequences. **The Royal Society**, Barcelona, n. 354, p. 215-222.

KRÖGER, O. **Report on a survey of coastal Makua dialects**. SIL ElectronicSurveyReports, 2005. Disponível em: <http://www.sil.org/silesr/abstract.asp?ref=2005-020>. Acesso em: dez 2014.

- LAGES, S. K. **Walter Benjamin**: Tradução e melancolia. São Paulo: EDUSP, 2007.
- LEFEVERE, A. **Translation/history/culture**: A sourcebook. New York and London: Routledge, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Translation, rewriting and the manipulation of the literary frame**. London: Routledge, 1992.
- LEMIA, J. R. **Pós-independência, guerra e reassentamento da população no distrito de Namacurra** 1985-1998/9. (Dissertação de Licenciatura) Universidade Eduardo Mondlane. Faculdade de Letras – Departamento de História. Maputo, 2001.
- MENDONÇA, F. Mia Couto, o mal amado. IN: CAVACAS *et al* (Orgs). **Mia Couto**: Um convite à diferença. São Paulo: Humanitas, 2013.
- NIRANJANA, T. **Siting translation**: history, post-structuralism, and the colonial context. Los Angeles & Berkley: University of California Press, 1992.
- NOGUEIRA, M. das G. de C. A tradução nas literaturas africanas de língua portuguesa: a posição de Mia Couto. **Cadernos Cespuc**, Minas Gerais, n. 19, p. 78-85, 2010.
- PAUL, G. **Translation in practice**: a symposium. London: Dalkey Archive Press, 2009.
- REIS, E. L. de L. **Pós-Colonialismo, Identidade e Mestiçagem Cultural**: A literatura de Wole Soyinka. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- RIOS, P. **A viagem infinita**: estudos sobre Terra Sonâmbula de Mia Couto. Recife: Ed. Universitária. 2007.
- SANTOS, C. M. dos. Terra Sonâmbula: Entre o dito e o ditado. **Boitatá**- Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. n. 13, p. 77-91. Jan. 2012.
- TOURY, G. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdam: John Benjamins, 1997.
- VENUTI, L. **The translator's invisibility**: A history of translation. London and New York: Routledge, 1995. **crossref** <http://dx.doi.org/10.4324/9780203360064>
- \_\_\_\_\_. **The Scandals of translation**. London: Routledge, 1998. **crossref** <http://dx.doi.org/10.4324/9780203269701>
- ZAMPARONI, V. D. **Entre "Narros" e "Mulungos"** - Colonialismo e Paisagem Social em Lourenço Marques c.1890 - c.1940. (Tese de doutorado). Pós-Graduação em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas- USP, 1998.